

University of Sussex,
Brighton, Reino Unido.

Doutorando no PPCIS
Universidade Estadual do Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

**JASPER CHALCRAFT
JOSEP JUAN SEGARRA
ROSE SATIKO GITIRANA HIKIJI**

BAGAGEM DESFEITA: A EXPERIÊNCIA DA IMIGRAÇÃO POR ARTISTAS CONGOLESES

Abra os olhos. Biliwe.

Abra-os novamente e veja através da trama
de um saco de juta.

palavras-chave

Imigração;
África; República
Democrática
do Congo;
Performance;
Música.

Foto: Rose
Satiko G. Hikiji



Novas localidades, velhos preconceitos. Estrangeiros, *étrangers*: nossas ideias e nossos pensamentos são menos bem-vindos que nossos corpos.

Foto: Rose Satiko G. Hikiji



Explorando essas realidades sociais, dois indivíduos, dois congoleses, um músico e um artista multidisciplinar, Yannick Delass e Shambuvi Wetu. Vivem no Brasil há poucos anos e se conheceram em São Paulo, apresentados por nós, em um movimento artista.¹ Vozes e silêncios. *Mimesis* muda e saudades cantadas são momentos e espaços de empoderamento, mudanças sutis na visibilidade e no “espaço auditivo”² das políticas da imigração.³

1. Artivismo, como discute Raposo (2015), é um conceito instável que lida com as conexões entre arte e política, quando arte é um ato de resistência e subversão. O primeiro encontro entre Yannick e Shambuvi se deu em uma reunião na Residência Artística da Ocupação Cambridge, que tinha como objetivo discutir arte, imigração e trabalho, e reuniu artistas brasileiros e imigrantes, membros do movimento para moradia que ocupa o Hotel Cambridge, em São Paulo, e antropólogos.

2. Feld (1996) e Born (2013) chamam a atenção ao sonoro – contra a hegemonia do visual nas ciências sociais – mencionando a expressão “*auditory space*” (espaço auditivo). Nossos *performers* trabalham com expressões visuais, sonoras e corporais, o que torna necessário ir além, ou ao menos aproximar a antropologia visual e a etnomusicologia.

3. São Paulo, a cidade mais populosa do hemisfério Sul, abriga também as maiores diásporas árabes, italianas e japonesas. A imigração africana para a cidade (e para o Brasil) não é tão numerosa, mas tem crescido significativamente nos últimos anos. Em 2000, 1.054 imigrantes regularizados de 38 países africanos viviam no Brasil. Em 2012, eram 31.866 cidadãos regularizados provenientes de 48 das 54 nações africanas. Na cidade de São Paulo, em 2016, viviam 2.055 imigrantes regularizados da Nigéria, 1.830 de Angola e 431 da República Democrática do Congo (fonte: Polícia Federal).

Assista *Bagagem* no link: https://vimeo.com/lisausp/bagagem_shambuyi

Os artistas tentam traduzir suas perspectivas acerca da política e do consumo internacionais para novas audiências em espaços públicos paulistas, tornando tangíveis realidades complexas. Uma figura silenciosa no palco, coberta de coltan, celulares ensanguentados colados em seu corpo, um público assombrado, uma guerra distante e refugiados próximos.

Foto: Rose
Satiko G. Hikiji



A guitarra de Yannick e a quimera⁴ de Shambuyi não estão sozinhas. Luambo Pitchou, um advogado da República Democrática do Congo que atua em movimentos para imigrantes e refugiados em São Paulo, apresenta para o público paulistano sua compreensão da situação de seu país. Os três imigrantes congolezes representam essas histórias de modo sutilmente diferente, reconfigurando conflito, consumo e identidade como parte de um mesmo problema.

4. Chamamos de quimeras as obras artísticas de Shambuyi, associando dois conceitos: montagem e utopia. Por um lado, quimera denota esperança, sonho, fantasia e o privilégio ao imaginário. Por outro, é “toda imagem múltipla que, associando em uma só forma índices visuais provindos de seres diferentes [...], provoca uma projeção por parte do olho, que faz surgir uma imagem implicando *ao mesmo tempo* a presença destes seres diferentes” (Lagrou and Severi 2013). Shambuyi produz criaturas a partir de diferentes seres e coisas, como meio de externalizar o que está em sua cabeça. A forma final da *performance*, assim como as formas exatas de suas criaturas/quimeras, não estão claras antes de ele produzi-las. Muitos dos significados são percebidos a *posteriori* e derivam dos efeitos produzidos pela *performance*, quando a mente de Shambuyi encontra o público.

Mas nossa cronologia fictícia – o filme que estamos fazendo⁵ – reconta a ação integrando uma outra voz, a de Yannick, à *performance* de Shambuyi e ao discurso de Pitchou. Por quê? Ficamos mais próximos ou mais distantes da realidade do que queremos comunicar? Essa montagem – nossa realidade editada – joga com vozes, imagens e discursos daquele dia, com diferentes protagonistas e momentos performativos, para tentar se aproximar dessa realidade fugaz.

Qual é a *mimesis* do artista-imigrante? O que exatamente ele está copiando? Os xamãs da antropologia nos dizem que a *mimesis* incorpora e subverte o poder colonial (Taussig, 1993), e para Shambuyi isso parece ser verdade. Contudo, teorias não traduzem sempre, não saltam continentes tão facilmente como corpos o fazem. As quimeras de Shambuyi mimetizam o mercado dos minerais que promete riquezas, mas leva a guerra ao seu país.

Assista *Biliwe* no link: <https://vimeo.com/lisausp/biliwe>

Ele necessita preservar a sua vida
Ele necessita preservar a sua vida
Ele necessita preservar a sua vida

O filme ecoa as tragédias de ser um refugiado. E, algumas vezes, “para salvar sua vida”, você precisa silenciar algumas experiências traumáticas. Mas, depois de tudo, o que sobra das inconsistências de nossa consciência? Como isso afeta o público brasileiro? O artista está fazendo conexões abertas entre os poderes coloniais e pós-coloniais, entre as realidades contemporâneas brasileiras e africanas, ou ele está simplificando realidades para seu público, que não conhece seu contexto?

Yannick Delass canta: “Os negros sem acesso à educação de qualidade na Babilônia, discriminados nos parques públicos, baleados pela polícia, acusados de crimes que não foram cometidos”. Essa é uma descrição muito familiar para o público brasileiro. Celulares e racismo fazem as conexões transatlânticas, mesmo se não conhecemos as guerras ou os campos de refugiados.

5. Os curtas-metragens apresentados aqui são parte de um projeto mais amplo de pesquisa e fazer audiovisual conduzido por Jasper Chalcraft e Rose Satiko Hikiji, intitulado *Fazer musical e patrimônio cultural africano em São Paulo* (Processos Fapesp 2016/05318-7 e 2016/06840-9). Nesse projeto, pensamos o filme – assim como nossa participação na *performance* de nossos amigos africanos – como *making* [fazer], já que entendemos que algumas práticas de arte podem efetivamente sugerir “novos modos de *fazer* antropologia” (Ingold 2013, 21, trad. nossa).

E nossos intermediários culturais são mais complexos: em um outro momento, eles nos levam para dentro de suas vidas pessoais e para a textura de seus dilemas cotidianos. Em uma *performance* que mistura o autobiográfico com o comentário social das ruas, eles interrogam o pessoal por meio do político. *Cigarros e putas*: vícios pessoais, adereços existenciais que aliviam as incertezas e tensões do movimento. Nossos agentes culturais nos perguntam: estamos aprisionados por tais vícios, ou a nossa humanidade comum é enfatizada por suas promessas sedutoras dos dois lados do Atlântico?

Mas somos também agentes: essa *performance* acontece durante o lançamento do primeiro número da GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia. Shambuyi e Yannick – e também artistas do Togo e capoeiristas brasileiros – foram convidados pelos editores da revista para realizar *performances* como parte da celebração. Uma questão relevante é: que agentes têm poder? Shambuyi e Yannick dão forma e significado a realidades ainda não familiares, enquanto nossas palavras remodelam sua relevância para nossas políticas espaciais e disciplinares. *Catadores* foi filmado em um espaço onde se encontram artistas africanos e brasileiros (principalmente afro-brasileiros), o Aparelha Luzia. Mas quem foi realmente responsável por esse encontro? Enquanto agenciamos uns aos outros, como nossos respectivos vícios e virtudes interagem?

Vale notar que a interação musical entre os togoleses e os brasileiros foi um pouco ruidosa – houve disputas no espaço acústico. Situação diferente da *performance* silenciosa de Shambuyi Wetu e sua quimera (acompanhada apenas pela música-lamento de Yannick Delass), que suspende o tempo: aqui a interação é moldada pela interrupção e pelo choque.

Nesse espaço de arte africana e afro-brasileira, Shambuyi Wetu caminha entre as bitucas da prisão, no silêncio escandaloso do inconsciente. Ele cata dores para processá-las e convertê-las em fumo. Refugiando-se do perigo da inexistência, ele decide ir além das fronteiras que o mundo das artes lhe impõe. E se pergunta por quanto tempo o trabalho na construção civil ainda vai ser o seu ganha-pão.⁶

Assista *Catadores* no link: <https://vimeo.com/album/4168747/video/175881726>

Shambuyi e Yannick continuam a desafiar nossa compreensão da cidade e de sua experiência imigrante. Depois de *Catadores*, suas *performances* dirigem-se às veneráveis instituições artísticas da cidade, o Museu Afro-Brasil e as incertezas vivas da 32ª Bienal de São Paulo. Com oito quilos de peixe, argila e vegetais, Shambuyi e sua companheira, Clarisse Mujinga, invadem a Bienal, numa *performance* improvisada que contraria as imagens dominantes

6. Shambuyi e outros artistas em um debate sobre arte, refúgio e trabalho do imigrante: <https://vimeo.com/169635430>.

de um continente conturbado. No interior do prédio, eles encontram um público faminto pelo engajamento com suas representações de uma “África” abundante. Em uma tarde, milhares de *selfies*, produzidas com os artistas congoleses e compartilhadas em redes sociais, posicionam solidamente esses imigrantes no espaço público da cidade, mesmo que reexotizando-os.

Foto: Jasper
Chalcraft



No processo de se estabelecer nessa cidade, suas localidades parecem tão velhas como os preconceitos que continuam a tornar a vida difícil para cada geração que aqui chega. Nossos novos *étrangers* continuam a negociar essas ruas, praças, bares tanto quanto nossas instituições artísticas e espaços auditivos, sempre tentando fazer com que suas ideias e pensamentos, seus silêncios e canções, sejam tão bem-vindos como seus corpos.

Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,
pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno (...). (Levi 1988)

texto recebido

06.10.2016

texto aprovado

16.11.2016

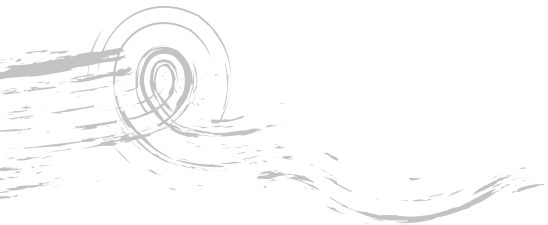


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Born, Georgina (ed.). 2013. *Music, Sound and Space: Transformations of Public and Private Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Feld, Steve. 1996. Waterfalls of song: An Acoustemology of Place Resounding in Bosavi, Papua New Guinea. In *Senses of Place*, ed. Basso e Feld. Santa Fé: School of American Research Press.
- Ingold, Tim. 2013. *Making. Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. New York: Routledge.
- Lagrou, Elsje and Severi, Carlo (ed.). 2013. *Quimeras em diálogo, grafismo e figuração nas artes indígenas*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Levi, Primo. 1988. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Raposo, Paulo. 2015. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, vol. 4, n. 2: -1, 3-12.
- Taussig, Michael. 1993. *Mimesis and Alterity. A Particular History of the Senses*. New York: London, Routledge.

FILMOGRAFIA

- Hikiji, Rose Satiko; Segarra, Josep & Wetu, Shambuvi. 2016. Bagagem. 1 filme, 5:43 min., son., color. São Paulo, LISA. Disponível em https://vimeo.com/lisausp/bagagem_shambuvi
- Chalcraft, Jasper; Hikiji, Rose Satiko; Segarra, Josep & Wetu, Shambuvi. 2016. Catadores. 1 filme, 4:39 min., son., color. São Paulo, LISA. Disponível em <https://vimeo.com/lisausp/cata-dores>
- Chalcraft, Jasper; Hikiji, Rose Satiko; Segarra, Josep & Wetu, Shambuvi. 2016. Biliwe - Abra os olhos. 1 filme, 7:56 min., son., color. São Paulo, LISA. Disponível em <https://vimeo.com/lisausp/biliwe>



ROSE SATIKO GITIRANA HIKIJI

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, do PAM (Pesquisas em Antropologia Musical), vice-coordenadora do GRAVI (Grupo de Antropologia Visual) e membro do NAPEDRA (Núcleo de Antropologia, Performance e Drama). Autora dos livros *Imagem-violência*, *A música e o risco*, *Lá do Leste*, co-organizadora de *A experiência da imagem na etnografia*, *Bixiga em Artes e Ofícios*, *Antropologia e Performance*, *Escrituras da Imagem e Imagem-Conhecimento*. Co-diretora de *Violão-Canção: uma alma brasileira*, *The Eagle*, *Fabrik Funk*, *A arte e a rua*, entre outros filmes etnográficos.

JASPER CHALCRAFT

Professor visitante do Departamento de Sociologia da Universidade de Sussex, Inglaterra, trabalha no projeto “Cultural Base project on heritage and identities”. Suas publicações incluem “The Making of Heritage: sedução e desencanto”, co-editada com Camila del Mármol & Marc Morell; “Decolonizing the site: the problems and pragmatics of World Heritage in Italy, Libya and Tanzania” (Berliner & C. Brumann, eds), “World Heritage on the Ground: ethnographic perspectives”; e (com P. Magaudda) “Space is the Place: the global localities of the Sónar and WOMAD music festivals” (Festivals and the Cultural Public Sphere, L. Giorgi et al., eds)

JOSEP JUAN SEGARRA

Graduado em Jornalismo (Universitat Rovira i Virgili-URV, 2007) e em Antropologia Social e Cultural (URV, 2012, bolsista MOU). Mestre em Antropologia Social e Cultural (PPGAS/UFRGS, 2015, bolsista CNPQ). A dissertação de mestrado intitulada “Paz entre nós, guerra aos senhores! Uma etnografia sobre o Bloco de Lutas pelo Transporte Público e a Ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre” inclui o filme “Morar na ‘Casa do Povo’”. Doutorando (PPCIS/UERJ, 2015, bolsista CNPQ). Interessado em Antropologia Audiovisual, Antropologia Política, Teoria Antropológica e Indigenismo.